

Escola está distante dos alunos, revela pesquisa

Segundo estudo do Instituto Fernand Braudel, nas instituições públicas de 2.º Grau os professores têm vínculos pouco significativos com a comunidade e estudantes preocupam-se apenas em obter o diploma

SIMONE BIEHLER MATEOS

Resultados preliminares de uma pesquisa qualitativa realizada pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial mostram que os diretores dificilmente estão nas escolas (optam por funções na Secretaria da Educação), os professores têm vínculos pouco significativos com a comunidade e os alunos, por sua vez, estão apenas preocupados em obter o diploma.

“A escola simplesmente não conhece o perfil, a realidade e os anseios de seus estudantes, o que dificulta criar motivações para o aluno aprender”, critica o economista Carlos Eduardo Evangelisti Mauro, responsável pela pesquisa que ouviu até agora 50 alunos e 15 professores de dez escolas da região metropolitana, em entrevistas que tiveram duração média de 50 minutos.

O trabalho do instituto, vinculado à Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), tem o patrocínio da General Electric Foundation. A pesquisa revelou ainda que a gravidez precoce é uma importante causa de evasão escolar e a televisão é a principal fonte de informação dos estudantes de 2.º grau da periferia, mesmo no caso dos alunos que trabalham. Os hábitos de leitura são mínimos e a aspiração de todos é aumentar suas possibilidades de consumo.

A secretária estadual da Educação, Rose Neubauer, contesta os resultados do trabalho, argumentando que a amostra não é significativa e não foi escolhida com critérios científicos: “Dez colégios num

universo de 1.458 escolas estaduais de 2.º grau na Grande São Paulo não é amostra representativa, ainda mais se consideramos que foram escolhidas duas de um mesmo bairro”, diz Rose.

Mauro admite que a amostra não foi selecionada a partir de critérios convencionais de pesquisas, mas defende os resultados, dizendo que coincidem com a vasta literatura que serviu de ponto de partida para as entrevistas: “O trabalho não tem pretensão de ser científico, apenas de levantar os problemas do sistema de ensino para subsidiar a busca de políticas educacionais mais eficientes.”

Mauro explica que a amostra foi selecionada dando ênfase aos bairros mais violentos e problemáticos da região metropolitana, com o objetivo de avaliar as ações da rede pública: “Por isso a escolha de duas escolas do Capão Redondo e nenhuma da zona norte, que é uma região com baixos índices de violência.”

Nesses bairros, segundo Mauro, os professores simplesmente ignoram os grupos de rap e pagode que mobilizam milhares de jovens com letras centradas exatamente nos

perigos das drogas e da violência. “O sistema desconsidera a força desses movimentos culturais e seu potencial como instrumento pedagógico”, afirma.

Pela pesquisa, os professores faltam muito além do que consta nas estatísticas e aproveitam qualquer possibilidade para assumir um cargo burocrático que lhes permita o afastamento da sala de aula.

Os dados mostram que a relação aluno-professor é distante e a burocracia trabalha totalmente desvinculada da comunidade. A consequência é que a maioria dos alunos nem sequer sabe o nome do diretor de sua escola e muitos o confundem com o inspetor de alunos, única figura, além do professor, presente no cotidiano dessas instituições.

Edvania Gilda da Silva, de 16 anos, aluna da Escola Estadual de 2.º Grau Fernão Dias Paes, em Pinheiros, São Paulo, concorda plenamente com a avaliação: “Não sei que cara tem o diretor e os professores são muito distantes, mas, com 40 alunos por sala e tantas turmas, dá para entender”, diz.

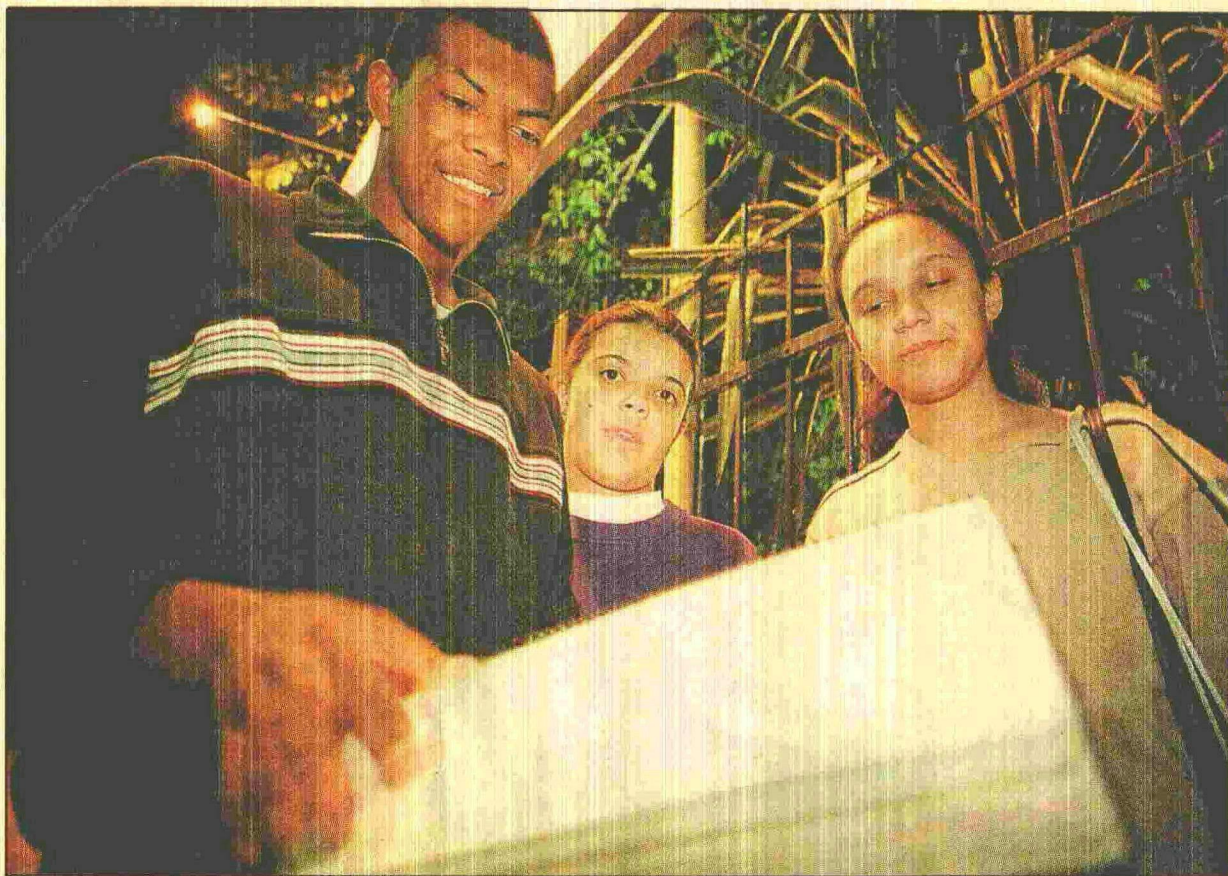
A secretária Rose considera impossível que a rede dê preferência aos professores com vínculos mais fortes com o bairro e admite que ao menos 30% das escolas da rede

estão com o cargo de diretor vago por aposentadorias ou porque o diretor foi transformado em supervisor de ensino. “Mas já realizamos concurso e estamos preenchendo 20% dessas vagas”, afirma. Na sua opinião, esses não são indicadores suficientes para afirmar que a relação aluno-professor é distante e a direção da escola está ausente do seu cotidiano.

Mauro lembra que a própria Secretaria Estadual de Educação lhe solicitou a verificação dos índices de absenteísmo dos professores: “Constatei que é de 20% o percentual de faltas diárias, mas isso não aparece com essa intensidade nas estatísticas porque eles assinam o ponto antes de ir embora.”

Muitos estudantes chegam a apontar as faltas dos professores como o principal problema das escolas: “Das 20 horas de aula programadas na semana, devemos ter umas 16, os professores faltam muito, aí os alunos desanimam e começam a faltar também”, queixa-se Marcelo Alcântara, de 19 anos, que trabalha durante o dia e à noite estuda na Fernão Dias Paes.

Sua colega Edvânia destaca que alguns professores faltam ou chegam muito atrasados sempre no mesmo dia da semana: “Devem ter outro emprego no mesmo horário”, diz, queixando-se também da troca frequente de docentes. “Tem matéria que, neste ano, já teve três professores. No caso delas, se tivemos um mês de aula foi muito.”



Marcelo, Priscila e Edvânia: eles apontam as faltas dos professores como o principal problema

**A GRAVIDEZ
PRECOCE
É UMA
IMPORTANTE
CAUSA DE
EVASÃO
ESCOLAR**